

Lula aceita união para recuperar País

THEREZINHA LOPES
e MARCELO BAUER

Ao encerrar ontem uma campanha que durou 219 dias, o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, garantiu que, passado o calor da disputa eleitoral, a preocupação maior deve ser com a recuperação da economia e com o desenvolvimento do País, seja quem for o próximo presidente da República. "Vamos trabalhar para isto, mesmo se não ganharmos as eleições", prometeu Lula. "Mas, como estou convencido de que vamos ganhar, espero que o meu adversário assuma uma posição consciente e honesta diante de nosso governo."

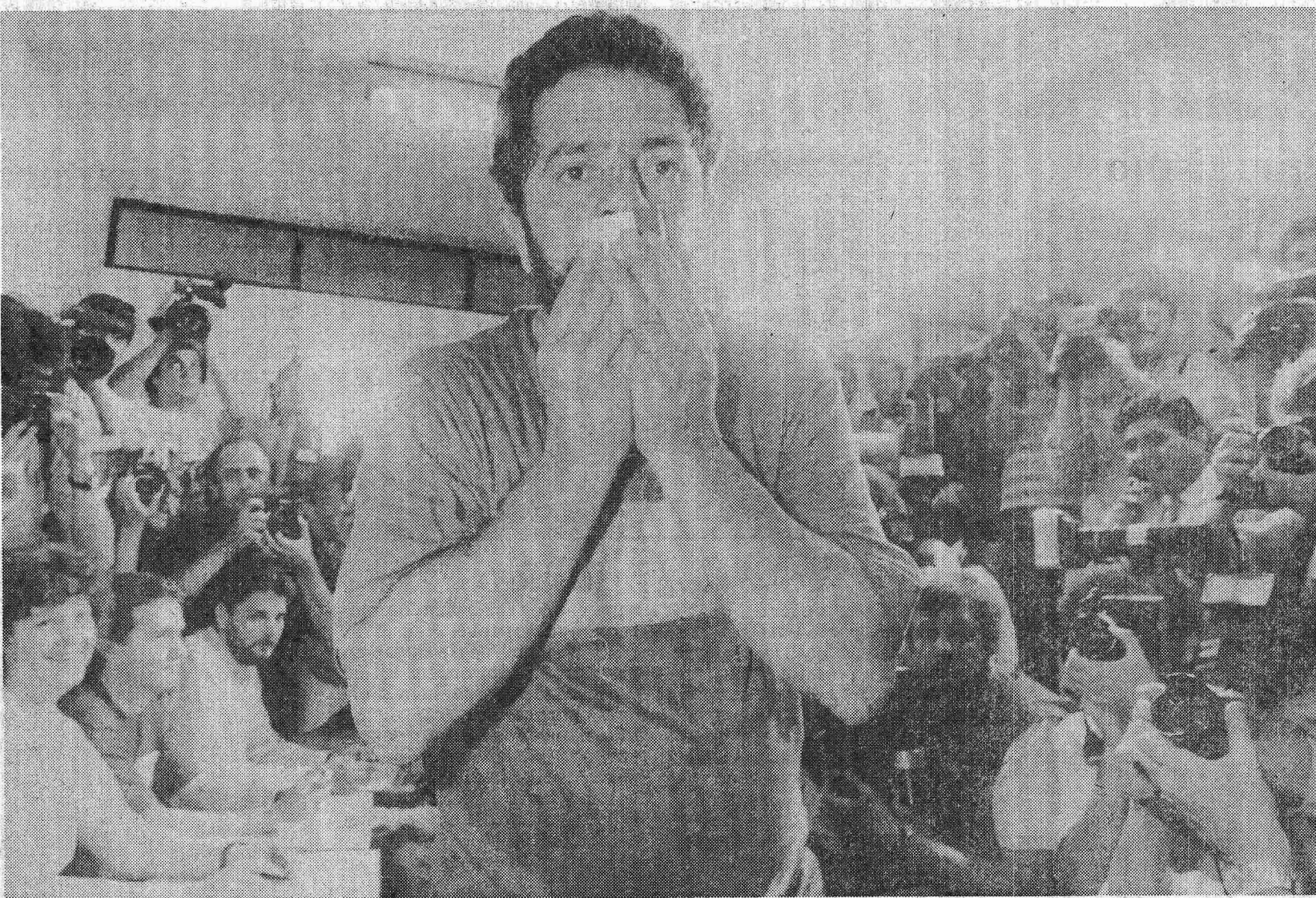
Lula passou seus últimos momentos de campanha em São Bernardo do Campo, cidade que o projetou nacionalmente como líder sindical no final da década de 70. Dividiu sua manhã entre sua casa, na Rua São João, no Jardim Lavinia, e a Escola Estadual Dr. João Firmino Correia de Araújo, onde votou. Às 12h35, embarcou no helicóptero prefixo PT-HFO para um descanso de dois dias, longe do assédio da imprensa e até de seus assessores mais próximos. Terminava ali uma campanha iniciada oficialmente no dia 13 de maio, com a aprovação de sua candidatura pela Frente Brasil Popular, a coligação do PT, PSB e PC do B. Antes mesmo da abertura das urnas, Lula avaliava que 1989 foi um ano de vitórias para seu partido: o número de militantes cresceu — ipso facto dobrar pela análise do deputado Luiz Gushiken, presidente do PT —, ao mesmo tempo em que o partido aprendeu a conviver com as alianças políticas.

Pela manhã, cercado por petistas e curiosos na porta de sua casa, em São Bernardo do Campo, Lula creditou aos militantes dos partidos que o apoiaram os 11.622.673 votos recebidos no primeiro turno e o sucesso da fase final da campanha. "Quando estávamos na maré mais baixa, com 4,5% dos votos, eu afirmava que todos teríamos uma surpresa muito grande porque eu iria para o segundo turno", lembrou Lula. Agora, com o apoio também do PDT, PSDB, PV e PCB, espera repetir o bom desempenho de 15 de novembro. "Espero ganhar porque temos em torno de nós o que há de mais importante em termos de organização política no País", disse. Antes de tomar conhecimento das primeiras pesquisas de boca de urna, todas desfavoráveis ao PT, Lula ainda acreditava que venceria a eleição com 2% a 3% de vantagem em relação a Fernando Collor de Mello, do PRN.

Mesmo insistindo na possibilidade de vitória, Lula garantiu que está preparado para enfrentar a verdade das urnas. "Quando disputávamos a eleição, estávamos preparados para a vitória e para a derrota", garantiu. Para o candidato petista, mais que o nome do futuro presidente da República, as eleições marcarão uma opção política. "Temos de deixar na mão do povo brasileiro a definição do Brasil que a sociedade deseja para os próximos cinco anos", avaliou.

Lula passou o dia decisivo da eleição longe dos principais líderes da campanha petista. Ele foi votar, às 10h35, acompanhado somente da mulher, Marisa. Ao lado do candidato, uma equipe da produtora de vídeo TWT, a mesma que realizou os programas do horário eleitoral gratuito, registrava todos os movimentos do candidato, disputando espaço na pequena sala de votação com um batalhão de mais de 50 fotógrafos e cinegrafistas.

Lula deixou a escola sob os aplausos de quase mil pessoas, que agitavam bandeiras do PT e cantavam as músicas da cam-



Mônica Zarattini/AE

O beijo na cédula e o boneco do candidato em frente a sua casa: após 219 dias de campanha, a hora do repouso

inha petista. Para os militantes, o candidato deixou um recado. "A fraude pode ocorrer", afirmou Lula. "É muito difícil não haver possibilidade de fraude na América do Sul."

As alianças, assunto que por anos foi tabu no PT, são consideradas pelo candidato as principais responsáveis pelo bom desempenho do partido nas eleições. "As alianças foram fantásticas", resumiu Lula. "Estou realizado." Para os parceiros na disputa eleitoral, Lula garantiu que haverá espaço em uma eventual administração petista. "Queremos a participação deles no governo", justificou o candidato, insistindo na tecla da "co-responsabilidade" que defende há dias. Para Lula, a "co-responsabilidade" é mais ampla do que uma simples distribuição de ministérios entre as forças que o apoiaram. "Isso seria uma barganha e não uma aliança", esclareceu.

Lula negou que já tinha definido alguns nomes para a sua equipe de governo e atribuiu a "especulações" a divulgação de possíveis ministérios do PT. Disse também que o projeto de criação do Ministério da Defesa não acabaria, num primeiro momento, com as pastas do Exército, Marinha e Aeronáutica.

"Nem os meus mais próximos companheiros foram definidos, quanto mais os do Exército", afirmou.

No final da campanha, Lula se reencontrou com um velho símbolo: o boné preto, que marcava a figura do líder sindical, saiu ontem do armário, para formar conjunto com uma camiseta de manga curta. Curiosamente, o candidato do PT vestiu-se de metalúrgico para viver o dia em que jogava tudo para realizar o sonho de usar a faixa presidencial.



Mônica Zarattini/AE

Lula, com a mulher Marisa na varanda da casa: otimismo